

MUSEU DA MARÉ: QUANDO A MEMÓRIA TORNA-SE FERRAMENTA DE LUTA E RESISTÊNCIA

Lourenço Cezar da Silva¹
Diogo Silva do Nascimento²

Resumo

O presente artigo é baseado na dissertação de mestrado intitulada "Do Ceasm ao Museu: o lugar de memória ou a memória do lugar", defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ. Nesse processo, foi identificado que o Museu da Maré não apresenta uma história oficial sobre o bairro da Maré. Na verdade, de forma interativa, o espaço relaciona as memórias dos mediadores às memórias dos visitantes. Outra característica do Museu é que ele foi criado e é mantido pelos próprios moradores, fazendo parte de uma estratégia de seus fundadores para fortalecer uma identidade coletiva e um sentimento de pertencimento, a fim de ampliar o número de moradores conscientes de seus direitos e capazes de reivindicar políticas públicas que melhorem a situação da Maré, bairro localizado no Rio de Janeiro. Nesse artigo concentra parte da contribuição de RICOEUR (2007) cujo os estudos dialogam bem com esse processo de resistência negra que usa a museologia como instrumento de luta.

Palavras-chave: Memória; Favela; Museu da Maré; Resistência.

MARÉ MUSEUM: WHEN MEMORY BECOMES A TOOL FOR STRUGGLE AND RESISTANCE

Abstract

The present article is based on the master's dissertation titled "From Ceasm to Museum: the Place of Memory or the Memory of Place," defended in 2018 in the

¹ Formado em Geografia e Meio Ambiente - PUC-Rio. Mestre em Educação - UFRJ - Doutorando em Serviço Social - UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1399-429X>. E-mail: lourencocesar@hotmail.com.

² Doutor em Estudos do Lazer, Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, Especialista em Gestão Escolar e Graduado em Educação Física. Atualmente participa do Laboratório de História do Esporte e do Lazer- IFCS/UFRJ (Coordenado pelo Prof. Dr. Victor Melo) e desenvolve pesquisas, junto ao MUSEU DA MARÉ, sobre as Memórias e Sociabilidades tecidas nos Espaços de Lazer no Conjunto de Favelas da Maré. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9205-5353>. E-mail: dyogo.edu@gmail.com.

Graduate Program in Education at UFRJ. In this process, it was identified that the Museum of Maré does not present an official history of the Maré neighborhood. Instead, in an interactive manner, the space relates the memories of the mediators to the memories of the visitors. Another characteristic of the Museum is that it was created and is maintained by the local residents themselves, as part of a strategy by its founders to strengthen a collective identity and a sense of belonging, in order to increase the number of residents who are aware of their rights and capable of demanding public policies that improve the situation in Maré, a neighborhood located in Rio de Janeiro. This article draws on the contributions of RICOEUR (2007), whose studies align well with this process of black resistance that uses museology as an instrument of struggle.

Keywords: Memory; Slum; Maré Museum; Resistance.

MUSEO DE MARÉ: CUANDO LA MEMORIA SE CONVIERTE EN HERRAMIENTA DE LUCHA Y RESISTENCIA

Resumen

El presente artículo se basa en la tesis de maestría titulada "Do Ceasm ao Museu: o lugar de memória ou a memória do lugar", defendida en 2018 en el Programa de Posgrado en Educación de la UFRJ. En este proceso, se identificó que el Museo da Maré no presenta una historia oficial sobre el barrio de Maré. En realidad, de manera interactiva, el espacio relaciona las memorias de los mediadores con las memorias de los visitantes. Otra característica del Museo es que fue creado y es mantenido por los propios residentes, como parte de una estrategia de sus fundadores para fortalecer una identidad colectiva y un sentimiento de pertenencia, con el objetivo de ampliar el número de residentes conscientes de sus derechos y capaces de exigir políticas públicas que mejoren la situación de Maré, un barrio ubicado en Río de Janeiro. En este artículo se concentra parte de la contribución de RICOEUR (2007), cuyos estudios dialogan bien con este proceso de resistencia negra que utiliza la museología como instrumento de lucha.

Palabras clave: Memoria; Barriada; Museo de la Maré; Resistencia.

INTRODUÇÃO

No Brasil, é comum que a população pobre e negra desconheça as origens de seus antepassados no tempo e no espaço, em contraste com a elite branca que geralmente tem acesso a essa informação. Nomes de ruas, praças, avenidas, prédios e até cidades, presentes em nossos livros didáticos, constantemente nos lembram da história e do nome de alguém, frequentemente alguém que não é negro, ou ainda mais problemático: de que estamos em terras estrangeiras, com um dono que não faz parte de nós. Pessoas brancas, independentemente de sua riqueza, costumam se orgulhar da importância social ou histórica de seus nomes, ancestralidades e origem europeia. Para os brancos que não são ricos, o reconhecimento de sua conexão com o povo europeu muitas vezes se torna uma necessidade existencial, como se o passado de possível "grandeza" de seus antepassados pudesse anestesiar a atual situação de pobreza.

Quando se é branco, não só a cor da pele, mas também o sobrenome pode ser um elemento suficiente para adquirir mobilidade social. Dependendo do sobrenome, a pessoa pode obter dupla cidadania e morar em um país com mais oportunidades, conquistar arranjos matrimoniais mais interessantes, inclusive com negros bem-sucedidos. As vantagens em ser branco chegam a tal ponto que uma pessoa pode até mesmo cometer um crime e fugir para um país onde possui dupla cidadania, protegida pelo Estado e ainda usufruir dos benefícios do crime cometido.

Através de técnicas modernas de mapeamento genético, muitos negros estão conseguindo descobrir a origem de seus ancestrais, mas não a dos parentes de sangue que foram escravizados. Enquanto um sobrenome de origem europeia pode permitir que alguém conheça o nome, endereço e história de mais de cinco gerações de sua família, quando se é negro no Brasil, o sobrenome remete à posse de alguém branco, uma vez que, no passado, os negros escravizados eram batizados com o sobrenome de seus senhores. Assim, não só

os nomes dos lugares onde moramos e trabalhamos, mas também nossos próprios nomes nos remetem a um passado colonial e escravista, em que éramos tratados como propriedade.

Não é possível saber onde estão nossos familiares africanos, quem são ou de onde vieram, qual é a história de nossos ancestrais, reinos, guerras ou que conhecimentos produziram na medicina, filosofia, religião, política. Também não podemos saber como se organizavam economicamente, quais eram suas cores de clã, comidas típicas, agricultura, aspectos culturais como dança, música, pintura, casamentos, como amavam ou odiavam e o que era importante para eles. Por outro lado, pessoas brancas conseguem saber inclusive qual foi o primeiro membro de seu país a chegar ao Brasil. Infelizmente, nós negros não temos essa mesma possibilidade.

No entanto, o fato de desconhecermos nosso passado não é uma coincidência, uma vez que os europeus sempre deram grande importância aos registros, especialmente daquilo que consideravam riqueza. Portanto, se temos pouca ou nenhuma informação sobre nossa origem, isso se deve principalmente a um processo intencional de apagamento da nossa história, em vez de falta de registro. Com isso, é possível afirmar que a história dos negros no país é resumida àquela contada pelos brancos. Infelizmente, é mais fácil descobrir a origem de um animal bovino do que a de um ser humano negro no Brasil.

Com efeito, esse processo de apagamento e esquecimento continua em curso, mas há resistência. Acredito que as Favelas de hoje, assim como os quilombos, têm servido como refúgio para todos os perseguidos por este sistema desumano e ainda escravocrata. Apesar das várias tentativas de acabar com as Favelas, que incluem violência expressa pelos aparelhos de repressão, pobreza, abandono, descaso e exploração, é facilmente percebido que a história do país, em especial do Rio de Janeiro, não pode mais ser contada apenas pelos falsos ideais brancos. Como explicar o carnaval, o sorriso, a comida, o esporte, a dança e a música brasileira sem citar o negro?

Portanto, o esquecimento dos saberes e memórias do povo negro e Favelado não se deve a fenômenos naturais presentes no tempo das coisas, como o desgaste natural dos documentos ou a incapacidade de transmitir

memórias pela oralidade e pelas manifestações culturais. Pelo contrário, é a expressão da colonialidade em nossa elite, que há séculos atua em diferentes frentes para inibir, esconder e negar a nossa existência afrodescendente e Favelada. São diferentes os tentáculos governamentais e sociais que buscam negar o jeito de ser negro no Brasil através da igreja, da justiça, do mercado, da imprensa, entre outros. No entanto, resistimos. O banimento de nossa presença na arte, na filosofia, na cultura, na política, na ciência e em espaços urbanos é, não por outras razões, mas pelo próprio intento de extermínio das diferenças inferiorizadas, parte das políticas do esquecimento (POLLAK, 1989).

Nesse sentido, o Museu da Maré insere-se, de forma insurgente, como mais uma trincheira na luta pela existência, resistência e conquista de uma história negra e Favelada, que por séculos tem sido violentada e abusada por nossas elites. Entretanto, mais do que isso, ao se apoderar da memória como principal arma de disputa na guerra dos sentimentos, sentidos, significados e produção simbólica, o museu oferece às camadas populares uma metodologia e tecnologia que sempre pertenceu a uma elite branca, com a vantagem moral de poder dizer que seu acervo é fruto da luta do povo preto e não do furto e negação de outras culturas.

A importância dos espaços de memória, como o Museu da Maré, reside no fato de que a matéria-prima de suas obras provém do povo que as constrói, por meio de seu contato com os dispositivos de memória. Esses dispositivos servem como ponto de partida para uma infinidade de lembranças e sentimentos que, por muito tempo, foram reprimidos pelo poder simbólico que os considerava inadequados. Quantos de nós conhecemos um espaço onde nossas histórias e as de nossa família possuem o mesmo valor que é dado a diversos monumentos históricos e à história oficial, principalmente por meio dos museus tradicionais?

Desde a sua criação em 2006, o Museu da Maré tem inspirado vários outros grupos sociais que reivindicam uma reparação histórica ao usarem essa tecnologia como instrumento de luta. Entendido como equipamento cultural ou até mesmo como espaço não formal de educação, esse museu tem compartilhado inspiração e oferecido ferramentas às lutas que vão desde os

povos tradicionais (indígenas e quilombolas), passando por territórios favelizados que lutam contra a remoção ou reconhecimento histórico, até profissionais do sexo que, por séculos, têm sido alvo de tratamentos desumanos e hipócritas. Se na década de 1990 os pré-vestibulares comunitários foram a grande arma do povo preto desse país para superar as nossas mazelas, acreditamos que os espaços de memórias coletivas, como o Museu da Maré, possam proporcionar mais um salto em nossas possibilidades de formação crítica, desenvolvimento da cidadania, ascensão social e felicidade.

E NASCE O MUSEU DA MARÉ

Ao contrário do que parece, o museu não é uma instituição independente. Ela não é uma pessoa jurídica. Até existe a proposta de torná-la, mas isso ainda não ocorreu. Na verdade, o museu é um dos projetos do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM. É a instituição responsável legal pelo Museu da Maré. O Centro surgiu a partir da iniciativa de um grupo de moradores que cresceu e/ou morou durante muitos anos em alguma comunidade da Maré.

Por mais estranho que pareça, o Museu da Maré não estava nos planos do CEASM. Apesar de a instituição trazer na sua origem o trabalho com a Rede de Memória, a ideia central era a de desenvolver um trabalho de pesquisa, catalogação e desenvolvimento de história oral e contação de história, para fazer com que a população da Maré e, principalmente os alunos do pré-vestibular, conhecessem a Maré e seus personagens. Havia um temor muito grande de que os alunos, ao chegarem às universidades, passassem a reproduzir o discurso que a sociedade tinha sobre as Favelas e seus moradores.

Muitos conheciam as histórias de moradores que, ao melhorarem de vida, passavam a negar e até rejeitar seu passado enquanto morador de Favela. Para evitar que isso acontecesse, todas as festas realizadas no CEASM contavam com uma exposição de fotos antigas e as salas de aula, até hoje, possuem nome de moradores e lideranças comunitárias. Além disso, todas as turmas tinham palestras sobre a história da Maré.

O Professor Mário Chagas foi o principal incentivador para a criação do Museu da Maré, sendo um grande entusiasta desse tipo de iniciativa. Segundo Chagas, em seu livro “Há uma gota de sangue em cada museu” (2006), os museus foram sempre pensados para as elites, que os utilizavam para mostrar aos outros indivíduos a importância do que deveria ser lembrado, comemorado e exaltado, tornando-se espaços de disputas de poder. No entanto, para os fundadores do Museu da Maré, a ideia era ter mais do que um museu, mas um espaço que contribuísse para o fortalecimento identitário dos moradores da Maré e das militâncias da Favela na luta por garantia de direitos junto ao poder público e à sociedade.

Assim, de forma coletiva, os moradores decidiram, planejaram e equiparam o espaço do Museu para que representasse a sua própria história, valor identitário presente na forma como o museu foi pensado. Nesse sentido, ao visitar o Museu da Maré, é fácil perceber no mediador da exposição que apresentar as fotos e objetos presentes no local, a forma positiva e valorosa com que fala da Favela, preenchendo de vida e sentido essa parte tão modificada e renegada da cidade.

Essa mudança de paradigma extrapolou os limites da cidade, influenciando políticas públicas no Ministério da Cultura e dando visibilidade internacional aos museus ditos comunitários. Ao longo dos anos, o Museu da Maré tem se relacionado com museus de outras partes do mundo e atraído diversos pesquisadores desses países. Sua existência tem reforçado a ideia de desmistificar a sacralidade dos museus tradicionais e oferecer uma nova maneira de conceber museus, em que a valorização do lugar e de sua população possuem total ingerência durante todo o processo museal. Essa força do museu pôde ser vista também no Ministério da Justiça (com Tasso Genro) e da Cultura (com Gilberto Gil) que chegaram a fazer um edital exclusivo para a criação de espaços de memórias como o Museu da Maré em todos páis.

A CENTRALIDADE DA MEMÓRIA NA DISPUTA DOS SENTIDOS

Na Maré, antes de 1994, ano em que o antigo prefeito Cesar Maia decretou que o território localizado entre a Av. Brasil e a Linha Vermelha e os bairros do Caju e Penha Circular seria nomeado como bairro Maré, as pessoas identificavam-se como moradoras de outros bairros. Antes do decreto, a região era cortada por três outros bairros (Manguinhos, Bonsucesso e Ramos). Porém, o CEASM, desde a sua fundação em 1997, tinha como estratégia valorizar o nome Maré. Primeiramente, por ser o nome real da localidade, ainda que a prefeitura nunca tivesse informado aos moradores da mudança do nome do bairro, e segundo por terem visto nisso uma oportunidade de criar uma identidade coletiva no bairro, facilitando a mobilização dos moradores.

Na época, os moradores já tinham uma repulsa muito grande em relação ao nome Maré, em grande parte por conta da imagem construída pela mídia sobre a região. Nesse sentido, é importante observar a alta relevância da comunicação e das narrativas sociais, pois as imagens produzidas, tornadas dominantes, são territórios de investimentos simbólicos que necessitam ser permanentemente vigiados e percebidos como fundamentais instrumentos na conquista de narrativas, produção e reprodução de “consensos” na atração de novos empoderamentos na cidade.

Esse sentimento presente na Maré nunca foi uma exclusividade do bairro. As Favelas, há mais de um século, sofrem com o papel desempenhado pelas mídias em criar um imaginário sobre esse espaço, não raro de forma espetacularizada (SÁNCHEZ, 1997), criando “verdades” que acabam contribuindo para representações acerca dos territórios dentro da cidade. Durante muito tempo, as grandes mídias foram fundamentais para a produção de signos de bem-estar e satisfação no consumo dos espaços de lazer, e para a criação de comportamentos e estilos de vida que promovem a valorização ou desvalorização de lugares, bem como os usos considerados “adequados”. Em outras palavras, isso celebra os novos territórios transformando-os em espetáculo, o que é muito importante para entender como se constrói a nossa opinião sobre os lugares, bem como sobre as pessoas desses lugares.

Por conta desses fatores, teremos, por parte da grande mídia, a reprodução do pensamento elitista sobre as Favelas. Será esse conjunto de

símbolos que irá contribuir não só para a criação de determinado "consenso" coletivo sobre os mais pobres e negros, bem como na orientação das políticas de governo, promotoras de um cardápio variado de práticas, como despejo, remoção e incursões policiais, que atravessaram o século passado e permanecem neste, segundo ficou claro no editorial abaixo:

Projetos tópicos não têm mais possibilidade de êxito: Favelas, bairros, ecolimites, controle do desmatamento. É tratar câncer com aspirina. Muito menos é sensato esperar que um longo (e incerto) ciclo de crescimento econômico venha transformar a Rocinha e o Vidigal em reproduções de vilarejos da Côte D'Azur e da Costa Amalfitana... (O Globo, Nossa Opinião, 6:27/10/2005).

As principais estratégias do CEASM para entrar nessa disputa estavam na Rede de Memória, que depois daria origem ao Museu da Maré e ao Jornal O CIDADÃO. Não seria nenhum exagero dizer que foi por meio desse jornal que a população da Maré passou a se identificar com esse nome. Nos primeiros anos do jornal, houve um esforço muito grande em criar formas de desenvolver esse assunto com os moradores. Dentre elas, duas foram bem marcantes. A ideia do "cidadão mareense", a qual era a forma como o jornal tratava os moradores e que, em forma de brincadeira, conseguiu introduzir o tema no cotidiano dos leitores e foi quebrando, aos poucos, a resistência dos mesmos.

A segunda estratégia bem-sucedida foi o uso da última página do jornal para contar um pouco da história da Maré. Muitos moradores colecionavam o jornal apenas por conta dessa última página, demonstrando que, desde o início, o tema da memória já era bastante promissor. Muitas das histórias referiam-se a uma localidade dentro da Maré ou a uma das histórias que se tornaram famosas com o passar do tempo, a ponto de serem comparadas a lendas, como foi o caso do "Porco com Cara de Gente".

Uma questão muito interessante que pode ser observada no tocante à população é que, com o jornal, expressava-se a forma como eles identificavam a relação de poder que existia nessa ferramenta e o sentimento de pertença. A ideia de poder era muito manifestada pelos presidentes de associação de moradores. Eram 16 (dezesseis) presidentes, todos exigindo aparecer mais nas

páginas do jornal. Assim, o sentimento de pertencimento e de preservação da sua história manifestava-se visivelmente dentre os veteranos que jogavam futebol no bairro. Toda semana, eles subiam o Morro do Timbau para reclamar da demora e para levar as informações sobre a última rodada.

Essa valorização do registro dos momentos e o medo do esquecimento é um instrumento poderoso. Segundo Freire (2014, p. 45), "carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós". No contexto colocado, percebe-se, através de uma análise ainda que superficial dessas falas, que elas emanam "experiências que nos acontecem; nos tocam; nos atravessam" (LARROSA, 2011).

O lazer, durante muito tempo, não era visto como um valor para o poder público. Mas, para os Favelados, esse é um tema muito importante, tanto é assim que, dentre os espaços dentro das Favelas, o que mais conta com a cooperação coletiva é o de lazer. No entanto, toda vez que o Estado visa levar um equipamento público importante para os moradores é, justamente, o espaço de lazer que é sacrificado. As experiências de lazer deixaram novas marcas sociais à memória do bairro.

Essas dinâmicas acabaram por construir uma parte importante da história da Maré e podem ser pensadas como uma prática de resistência. Resistência, inclusive, ao processo de urbanização em curso, imposto pelo Estado, sem uma preocupação efetiva com os moradores de Favela, pois espaços de lazer, como o campo de futebol, são percebidos como espaço comum e, mesmo em Favelas onde o solo é muito disputado, o campo sempre é preservado.

Para Nora (1993), esse conjunto de lembranças que surgem, a partir do campo de futebol, é que pode ser entendido como lugares de memória, uma vez que são cercados de símbolos, em que a presença de rituais garante unidade na coletividade e o que não falta em lugar tão densamente povoado feito a Maré são símbolos e rituais. Ainda no lazer, tenho em minhas memórias um ritual muito comum nos fins de ano, que é o futebol entre casados e solteiros. Porém, na Maré havia um combinado que era muito aguardado pela população,

no mesmo período, que era o jogo entre gays e lésbicas ou Gay-torade x Sapatão.

Imagem 1 - Foto tirada em 1991



Fonte: Acervo de um dos autores (1991)

A pesquisadora Zaluar (1985) entende que a identidade dos Favelados forma-se a partir da atuação nas diversas esferas de seu lugar de moradia, tais como associações de moradores, praças, bares, agremiações recreativas, culturais e esportivas. Apesar da heterogeneidade econômica que pode existir numa Favela, a homogeneidade das múltiplas práticas e vivências cotidianas num mesmo lugar criam e renovam os símbolos de identidade. Tais situações são colocadas na categoria de subalternos, bem como as estratégias de resistência aos diversos desafios imputados aos moradores de Favela, os quais forjam laços que não são fixos, nem definitivos, mas estão constantemente sendo renovados e reinterpretados. Estes laços dão significado à sua identidade, por exemplo, quando são vítimas da discriminação da polícia, quando no passado reagiram contra uma tentativa de remoção do Governo ditatorial do Presidente Figueiredo ou quando hoje são impedidos de circular na comunidade de um ‘comando rival’ (grupos de traficantes armados, que disputam o monopólio do comércio de entorpecentes, ou grupos de milicianos). Para sobreviver a esses desafios, os moradores acabam por criar estratégias que tendem a consolidar grupos de confiança e sentimento de pertencimento ao lugar.

Todavia, o Museu da Maré representa também o que se quer esquecer, ao menos para o nosso poder público que representa a elite, que ao longo da história desse país usou e usa de diversas armas e argumentos para negar a existência dessa população negra. Na verdade isso faz parte de uma política de epistemicídio, como proposto por Sueli Carneiro (2005), ou seja, uma ação continuada, mas derrotada de nossos colonos e sequestradores.

Um projeto de cidade moderna e humanizada não pode ser pensado necessariamente sem o respeito à sua diversidade, pois talvez esse seja o seu maior valor de fato. Não podemos repetir modelos fracassados do passado, como alerta Azevedo (1987, p. 145), citando a defesa de um projeto de um deputado paulista à Assembleia sobre o imigrante que se queria para o Brasil:

Não são, por exemplo, africanos novos que se quer trazer, não são (...) chineses, raça já abatida e velha que pode inocular vícios de uma civilização estragada (...). Nós queremos os americanos, como paulistas novos adotivos, homens prestimosos, que escolham a província como sua nova pátria, e queremos os alemães como trabalhadores como homens produtivos, e que venham aqui habitar. Tanto uns como outros, os recebemos com entusiasmo.

Esse tipo de discurso, muito comum no século XIX, acabou por piorar a vida da população negra no pós-escravatura, o que pode ser visto nos dias recentes, apesar das várias roupagens. A Reforma Pereira Passos e a antiga ideia do ex-prefeito César Maia de trazer uma atração internacional, o Museu Guggenheim, muito famoso por sua arquitetura, são demonstrações, por exemplo, do que nossos governantes pensam sobre seu povo e sua cultura. A todo o momento temos demonstrações do poder público de que precisamos pensar nossa identidade pelo prisma do “velho mundo” (COSTA, 2018).

Nessa perspectiva, Hall (2001) em seus estudos explora algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avalia que existe uma “crise de identidade”. Ele reflete, ainda, sobre as mudanças nos conceitos de identidade e de sujeito. Além disso, afirma que as “identidades culturais” são aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais e

elas se manifestam no local, no convívio social. Nesse sentido, não é exagerado pensar que está no lugar a principal resistência ao projeto de homogeneização cultural em curso no mundo.

Hall (2001) também acrescenta que, atualmente, a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até então visto como um sujeito unificado. O autor alega que está em curso, desde o final do século XX, um tipo diferente de mudança estrutural, transformando as sociedades modernas, e fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, elementos que, durante séculos, forneceram-nos sólidas localizações como indivíduos sociais.

Com isso, há uma crescente mudança em nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados e a isso Hall (2001) dá o nome de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - gera uma "crise de identidade" para o indivíduo, por isso acaba virando uma questão nos dias atuais (MIGNOLON, 2003).

Já para Castells (1999), a identidade, nos dias atuais, apresenta um caráter múltiplo e fragmentário e, empiricamente, identifica que uma identidade, cultural ou individual, pode sustentar múltiplas identidades. O autor enriquece ainda mais o debate quando defende que o indivíduo pode exercer funções distintas entre identidades e papéis sociais (trabalhador, mãe, vizinho, militante, sindicalista, jogador, religioso e fumante). A relevância da influência desses papéis depende dos acordos e negociações feitas pelos indivíduos com as instituições e organizações.

Partindo do princípio de que as identidades são fontes de significados para os próprios atores, tendo o poder como parâmetro, Castells (1999) propõe três categorizações de identidade: identidade legitimadora, com um caráter essencialista, instituída pelas instituições dominantes; identidade de resistência, que seria de certa forma essencializada, que representa os grupos

contra-hegemônicos; e identidade de projeto, que diz respeito à perspectiva construtivista das identidades, em que os atores constroem uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade.

Com isso, podemos afirmar que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também elemento importantíssimo do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si, como afirma Pollak (1992). E o museu é reflexo disso.

O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais (UNESCO - ICOM apud PRIMO, 1999, p.107).

Essa lógica é percebida por quem visita exposição do Museu da Maré, pois ainda que exista a presença do mediador no espaço, é possível observar que não existe uma história oficial que tire das pessoas a capacidade de questionar. Na prática o que ocorre é o contrário. Pois, toda exposição foi pensada para provocar uma interação entre visitante e mediador onde os objetos e fotos servem como dispositivos de memória de ambos. Logo, se no início da visita a capacidade de quem chega pareça a de alguém que não tenha relação com o espaço, aos poucos essa pessoa se faz capaz de dialogar com o território a partir de suas memórias e no final da visita tanto o mediador quanto o visitante saem conhecendo mais um do outro, ao contrário do início do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa investigação teve como objetivo compreender a importância do Museu da Maré no contexto em que se insere como espaço cultural. Embora sua função principal possa ser vista como uma ferramenta de entretenimento, o

museu possui valores bastante particulares, assim como a maioria dos museus. De acordo com a definição do ICOM (International Council of Museums) de 2001, um museu é "uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade". No caso do Museu da Maré, no entanto, ele é mais do que isso.

Ainda há muito a ser feito na cidade e no país para garantir tratamento semelhante aos moradores de Favelas em relação aos moradores de áreas nobres do país. Quem viveu a atmosfera das décadas de 1970, 1980 e 1990 terá que admitir que houve poucas, mas significativas mudanças nos discursos sobre as Favelas. Essas mudanças devem-se a vários fatores, como a chegada do presidente Lula em 2003, a maior presença de negros nas universidades, o acesso à internet pelos mais pobres e a melhoria da qualidade de vida no país, mesmo com os atuais retrocessos.

Todas essas questões contribuem para esse processo de melhoria da vida do povo negro das Favelas. Muitos problemas dessas localidades hoje são pesquisados pelos próprios moradores, que se tornaram universitários, e esse conjunto de ações tem contribuído para inibir discursos como o de remoções, por exemplo, ainda que o processo de violência capitaneada pela polícia ainda seja dominante.

Entre os alunos e alunas que passaram pelo CEASM, há exemplos dessa mudança. Um exemplo muito conhecido é o de Marielle Franco, mulher, negra e favelada, como ela mesma citava em sua campanha eleitoral ao cargo de vereadora. Infelizmente, sua história se tornou famosa pela violência que sofreu. No entanto, sua trajetória contribuiu para que várias outras mulheres e homens de Favela pudessem estar presentes nos parlamentos de várias cidades e estados do Brasil e até em ministérios, como é o caso de Anielle Franco, presente no Ministério de Igualdade Racial do novo governo do presidente Lula.

Acredito que uma maneira de compreender as motivações e ações relacionadas ao Museu da Maré seria por meio da análise do filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) sobre a ideia de História, Memória e Esquecimento

(RICOEUR, 2007). Ricoeur constrói um entendimento sobre o nosso processo de identidade a partir das narrativas a que somos expostos ao longo da vida e através daquilo que somos capazes de narrar.

Segundo o filósofo, a História precisa de suporte para se estabelecer, inicialmente através da escrita e depois com a utilização de outros elementos, como documentos e registros mais amplos, como o testemunho. No entanto, isso pode causar um confronto de narrativas, que denuncia também o local de fala de cada agente no processo histórico. Desse modo, é importante entender que a história é feita por pessoas e não apenas pelos historiadores.

Nesse contexto, o Museu da Maré fortaleceu a potência das memórias dos moradores ao permitir que fosse apresentada uma história "oficial" sobre os fatos que ocorreram no bairro ao longo do tempo. E como todos podem contribuir para essa história, através de suas memórias, todos estão "oficializados" em uma versão da história.

Em relação ao Esquecimento, Ricoeur faz uma conexão com a ideia de rememoração de Platão, como um processo que envolve algo que precisa lembrar, mas que também é possível deixar para trás, pois Platão acreditava que o ser humano não conseguiria resgatar todas as memórias. O Esquecimento, assim, envolve o dever de não esquecer fatos históricos importantes, como a escravidão pelo qual sofreu e sofre o povo no negro do Brasil, por exemplo.

Porém, junto à importância de não esquecer determinados fatos históricos, há também a nossa incapacidade de narrar tudo, pois muitas vezes são terríveis, dramáticos e causam enorme impacto nas vidas das pessoas. Dentro do Museu, um dos espaços onde os moradores mais choram, inclusive moradores de outras Favelas, como a Deputada Federal Benedita da Silva, é o barraco de palafita. Poderia-se especular sobre os diversos motivos pelos quais esse espaço é tão emotivo. Mesmo assim, só se conseguiria contemplar as próprias memórias de quando se morou na palafita da Maré ou em barracos de outras Favelas, jamais as dos outros moradores da cidade.

Esse processo vai acarretar em duas dimensões bastante importantes, que são a dimensão de justiça e de verdade, quando se pensa a prática do esquecimento como sendo fruto de uma questão política, como ocorreu, por

exemplo, com a anistia ocorrida no Brasil como negociação do nosso processo de redemocratização. Muitos estudiosos creditam como sendo causa dos problemas atuais os momentos históricos em que a sociedade pactuou determinadas anistias. A volta do fascismo, a questão do negro e as ameaças à democracia na atualidade podem ser exemplos disso. Isso ocorre em função de só entendermos os momentos atuais no futuro. É comum o cidadão comum pensar a história como algo do passado. No entanto, as nossas reflexões mostram que a conexão entre memória, história e esquecimento é contínua.

Ao mesmo tempo em que vivemos um embate desse jogo de narrativas, um jogo que envolve inclusive a capacidade de alguém fazer prevalecer o seu discurso, é importante reconhecer que nem tudo fica para trás. Dessa forma, há narrativas que permanecem e servirão de questionamento ao passado, mesmo que este pareça cristalizado. Por isso, mais uma iniciativa vanguardista do Museu foi a de se criar uma exposição de memórias na Maré, em que a ideia de tempo cronológico é rechaçada. Nessa exposição, os tempos são temáticos, como Tempo da Água, Tempo da Casa, Tempo da Migração, Tempo do Trabalho, Tempo da Resistência, dentre outros, sendo 12 no total. Mas, de nada vale nossas palavras presentes aqui sem uma experiência sensorial, o que só é possível em uma visita de corpo presente ao Museu da Maré.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado) Curso de Filosofia em Educação, 71 Feusp, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: Acesso em: 06 mar. 2021.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica*. Chapecó: Argos, 2006.
- COSTA, Djamila Ribeiro. *Quem tem medo do feminismo negro?*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ICOM. Definição de museu. Paris: ICOM, 2001. Recuperado em 07 de maio de 2023, de <https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/ICOM-definicion-museo-2001-portugues-brasil.pdf>.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. Reflexão e Ação, 19(2), 04-27, 2011. <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História*, Vol. 10, dez, 1993. p. 7-28.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLACK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. No 10, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1992.

PRIMO, Judite. Pensar contemporaneamente a museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 16, 9-22., 2014. Obtido de <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350>. Acesso em 07 fev. 2023.

PRIMO, Judite. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Ed. CPDOC/ FGV, v. 2, n.3, 1989.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Lourenço Cezar da. *Do CEASM ao MUSEU DA MARÉ: O Lugar de Memórias ou Memória do Lugar*. Dissertação, Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Recebido em: 23/02/2023

Aprovado em: 06/07/2023

Publicado em: 26/07/2023